

---

## **Jornalismo em meio ao atordoamento: As narrativas do jornal digital BBC Brasil em interlocução com o imaginário da cultura chinesa durante os primeiros meses da pandemia de COVID-19.<sup>1</sup>**

Giovanna ABELHA<sup>2</sup>

Nuno MANNA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

### **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo observar, analisar e problematizar como a sucursal da BBC no Brasil narra a cultura chinesa durante os dois primeiros meses do surgimento da COVID-19. Desta forma, a comunicação nesta pesquisa, ainda em desenvolvimento até novembro, será investigada nas matérias jornalísticas, já coletadas e selecionadas através de mecanismos avançados de pesquisa, a partir de uma base teórico-metodológica que observa questões ligadas à narrativa, cultura e temporalidade presentes nos textos. Além disso, buscamos revelar que sentidos e imaginários o jornalismo vem construindo sobre os modos de vida na China, durante um contexto pandêmico de atordoamento da realidade, e como isso foi capaz de atravessar a perspectiva e a interpretação da população sobre o mundo ao seu redor.

**PALAVRAS-CHAVE:** China; Cultura; Narrativa Jornalística; Atordoamento; COVID-19.

### **1. INTRODUÇÃO**

Era 07 de janeiro de 2020<sup>4</sup> e uma nova variação do vírus SARS-CoV era reportada pela China. O novo coronavírus, que havia surgido em Wuhan, província de Hubei, em 31 de dezembro de 2019, passaria a ser conhecido por todo o mundo em uma pandemia que duraria oficialmente de 30 de janeiro de 2020 a 05 de maio de 2023. Foram mais de três anos de uma crise sanitária que mudou drasticamente a forma como as pessoas encararam o mundo à sua volta — já que desde a pandemia de H1N1/Gripe Suína, em 2010, que a população não lidava mais com restrições e medidas sanitárias intensas. Mas além do seu longo tempo de duração e do seu alto teor emergencial, com a COVID-19 a noção de realidade de muitas pessoas ao redor do mundo seria testada ao

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Graduanda do 7º período do Curso de Jornalismo da FACED-UFU, email: [gvnnabelha@gmail.com](mailto:gvnnabelha@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Docente do Curso de Jornalismo da FACED-UFU, email: [nunomanna@gmail.com](mailto:nunomanna@gmail.com).

<sup>4</sup> Disponível em: [Histórico da pandemia de COVID-19 - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde \(paho.org\)](https://paho.org). Acesso em: 16 out. 2023.

---

se depararem com uma doença que parecia impossível de prever, com mortes e casos crescendo exponencialmente todos os dias.<sup>5</sup>

Mas, para além de todas as mudanças sociais e comportamentais, dos óbitos, e das medidas de distanciamento, houve uma relação que se destacou em meio a todo o medo generalizado. Uma doença que “nasceu” de um país como a China, não trouxe consigo apenas uma preocupação que deveria ser costumeira ao lidar com uma pandemia dessa magnitude — de medidas sanitárias e preservação da vida —, mas resgatou uma perspectiva violenta em torno de uma cultura. Em uma tentativa de lidar com um caos que usurpou a noção de realidade que as pessoas conheciam antes da COVID-19, a população passou a resgatar narrativas antigas para tentar trazer sentido àquele novo devir, a partir de noções xenofóbicas enraizadas e muitas vezes regadas a discursos de ódio contra um povo. No artigo “Go Back to China With Your (Expletive) Virus”: A Revelatory Case Study of Anti-Asian Racism During COVID-19”, Wang e Santos (2022) explicam como isso fica claro ao final da pesquisa realizada com participantes americanos-asiáticos durante os primeiros 6 meses de pandemia.

Nossos entrevistados relataram uma caracterização persistente ao serem acusados de “comedores de morcego” e “comedores de cachorro”. Apesar desse estereótipo parecer específico da COVID-19, em razão dos primeiros rumores em torno do seu surgimento ter sido em um mercado na China, o estereótipo sobre comer animais não é novo. Esse é um antigo estereótipo enraizado na exotização de americanos-asiáticos e data desde a Lei de Exclusão Chinesa de 1882, quando americanos brancos não entendiam a comida chinesa, achavam suspeito e perpetuavam essas mesmas declarações na grande mídia ao fazerem perguntas como, “Os chineses comem ratos?”. (Wong, 2020 *apud* WANG; SANTOS, 2022, p. 9, tradução nossa)

E olhando a partir dessa perspectiva que (re)afiorava graças a uma pandemia que foi a primeira a acontecer durante a Era Digital<sup>6</sup>, podemos observar como, em um contexto informacional globalizado e tomado por narrativas midiáticas, informações verdadeiras e falsas se misturaram para dar forma a um cenário regado a desespero, caos e atordoamento das relações, imaginários e perspectivas de mundo. E em meio a isso, a ferramenta que se colocou como um ponto direcionador de “para onde devemos olhar agora” foi a imprensa. Ao vestir novamente seu velho conhecido manto de “espelho da

---

<sup>5</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/31/crescimento-exponencial-e-curva-epidemic-entenda-os-principais-conceitos-matematicos-que-explicam-a-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 16 ago. 2023.

<sup>6</sup> Disponível em:

<https://hospitalsantamonica.com.br/primeira-pandemia-na-era-das-redes-sociais-gera-panico-desnecessario/#:~:text=Em%202009%2C%20quando%20aconteceu%20a.liga%C3%A7%C3%B5es%20e%20mensagens%20de%20texto.> Acesso em: 16 ago. 2023.

---

realidade”<sup>7</sup>, o jornalismo reforçaria neste momento esse seu caráter, como um meio que a população passaria a procurar para entender quais seriam os próximos passos dali pra frente e que narrativas o jornalismo contaria para dar conta de resgatar a ordem do mundo. No livro “Introdução às Narrativas Jornalísticas”, Bruno Leal (2022) trata o jornalismo como uma instituição que conscientemente assume narrativas.

Como instituição social, o jornalismo atua tanto na preservação quanto na atualização dos mitos que fundam uma dada realidade. (...) Ao atualizarem os mitos e se assentarem neles, as narrativas jornalísticas contribuem para gestos ora conservadores ora “progressistas” em relação aos modos de entendimento e de experiência social. Não há, nessa perspectiva, nenhuma possibilidade de “isenção” ou “neutralidade” (LEAL, 2022, p. 72)

Pensando nessas questões, esta pesquisa se debruçou a entender quais sentidos foram construídos em torno da China, em específicos nas matérias sobre COVID-19 presentes no jornal digital BBC Brasil, nos dois primeiros meses de surgimento do vírus, quando uma situação de crise colocou em dúvida o futuro que estava à frente. Nuno Manna (2020), no capítulo “Narrar o atordoamento” do livro “Imagens e Imaginários da Pandemia”, descreve que “no jornalismo, o intempestivo surgia como essa impertinente potência que buscamos obsessivamente eliminar, quando buscamos qualquer forma de domínio e previsibilidade sobre o tempo em que vivemos e a história que construímos”. Ou seja, ele elabora como em meio ao caótico existe uma tentativa contundente em contornar o caos e encontrar um sentido no mundo que ordene a noção de tempo.

E por isso, nos orientamos a entender de que modo o contexto pandêmico tencionou o imaginário sobre a cultura chinesa, a partir de um movimento que parte de uma tentativa em resgatar a ordem da realidade, através da análise de matérias coletadas do jornal em questão para observarmos as narrativas ali feitas. E nesse processo, buscamos reunir nosso material a partir dos termos gerais que se relacionam à essa pesquisa. Através da ferramenta de pesquisa avançada do próprio Google e palavras-chave como “China”, “COVID-19”, “CORONAVÍRUS”, “PNEUMONIA”, “WUHAN”, entre outros, nos direcionamos a links especificamente da BBC Brasil que citavam esses assuntos, dentro do filtro de data que definimos para o período de dezembro de 2020 a janeiro de 2021.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/anaisvinci/article/view/1849>. Acesso em: 09 ago. 2023.

---

Além disso, este artigo é, antes de tudo, um desenvolvimento referente a uma iniciação científica (I.C.) que ainda está em andamento e tem previsão para acabar em novembro deste ano. Dessa forma, é importante levar em consideração que as questões aqui levantadas são relacionadas a uma investigação que ainda está analisando o material que se propôs a coletar. Ademais, o conteúdo que será discutido ao decorrer do texto também traz atualizações não apenas da própria pesquisa em curso, como também incorpora pontos que foram levantados durante a etapa regional do próprio Intercom 2023, além das discussões que são abordadas quinzenalmente nas reuniões do Grupo Narra, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), ao qual este trabalho é associado e que trabalha um eixo teórico-metodológico voltado a entender narrativa, cultura e temporalidade.

De tal forma, este artigo também parte das articulações com as leituras realizada no grupo e das interlocuções com o projeto de pesquisa “Narrativas do atordoamento: uma investigação das catástrofes cotidianas”, tendo como um dos organizadores o Prof. Dr. Nuno Manna — também fundador do grupo Narra e orientador desta I.C. — que também trabalha com questões voltadas a crises e catástrofes. Por fim, estamos nos debruçando por questões mais específicas que trazem singularidade ao estudo, e que são sobre imaginário chinês, atordoamento e as próprias camadas que são possíveis observar ao analisar a BBC, o Brasil e suas relações com a China, a fim de reunirmos informações e perspectivas indispensáveis neste trabalho e nas discussões sobre jornalismo. Vale ressaltar que, por ser um estudo em andamento, neste artigo em questão muitas análises ainda estão prematuras ou apenas cotadas, mas serão mais fortemente observadas até o final da I.C.

## **2. NARRATIVA, CULTURA, TEMPORALIDADE, CRISES E CATÁSTROFES**

Como foi supracitado, este trabalho faz parte de um grupo que está direcionado para analisar questões ligadas ao eixo teórico-metodológica da narrativa, cultura e temporalidade, e portanto essa é uma discussão que será inicialmente abordada, como forma de apresentar as discussões que são a base deste estudo. Além disso, neste tópico também iremos falar sobre os termos de crises e catástrofes, que ao longo do artigo se mostrarão muito ligadas aos três temas centrais indicados. E a partir dessas relações,

---

mais à frente poderemos partir para um debate que discute as diversas camadas entre o jornalismo e sua relação com o mundo e com a sociedade ao seu entorno.

Como primeiro passo, e quase como uma tradição, se torna importante citar um autor que o Grupo Narra tem como uma das principais referências para a sua existência. Paul Ricoeur, filósofo francês, traz em seu livro “Tempo e Narrativa” (1994, p. 85), o emblemático trecho: “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal”. Essa reflexão trata especificamente de como as pessoas conseguem dar sentido e ordenamento temporal às suas experiências individuais e coletivas a partir de um esforço narrativo — tal qual as palavras que, ordenadas em uma frase, podem se tornar uma proposição.

No jornalismo, por exemplo, dentre todas as formas de entendê-lo, podemos pensar que as narrativas que são criadas para noticiar um fato, ou se aprofundar sobre um momento, não tem um compromisso estrito com a objetividade, e talvez nem com a realidade — se pensarmos que não há como narrar algo exatamente como aconteceu ou existir uma verdade sem que estas sejam atravessadas ou incorporem as próprias perspectivas e complexidades do autor e se tornem algo novo. Dessa forma, cada decisão tomada em um texto demonstra que o jornalismo é uma instituição que está orientada a contar histórias a partir do seu ponto de vista, mas é esse conteúdo lido pela população que muitas vezes as auxilia a encontrar aquelas respostas que tanto procuram para esclarecer, justificar e ordenar algo. Isso acontece porque, “ao atualizarem os mitos e se assentarem neles, as narrativas jornalísticas contribuem para gestos ora conservadores ora ‘progressistas’ em relação aos modos de entendimento e de experiência social”, como já supracitado em um trecho de Leal (2022).

Em uma reflexão voltada à pandemia e à China, podemos observar que as narrativas jornalísticas que foram possíveis de encontrar nos primeiros meses da crise (e que ainda não foram analisadas profundamente por nós, mas já nas manchetes pudemos entender algumas questões) muitas vezes tentavam dar conta de solucionar o que ainda não tinha solução. Ou seja, nesse recorte temporal, o jornalismo passaria a assumir um caráter ordenador, cabendo a ele a responsabilidade de destacar as diversas respostas a complexas questões que surgiam em um contexto de crise — situação que se destacou nas diversas matérias jornalísticas que tentaram responder o que significava a pandemia

---

e como sobreviver à ela, como no texto coletado “Coronavírus: o que realmente funciona para se proteger?”<sup>8</sup>, que já tentava solucionar a COVID-19 logo no seu início.

Mas foi dentro dessa tentativa obcecada e mercadológica em justificar o cenário que se apresentava, que também surgiu no jornalismo, em especial algumas matérias da BBC Brasil que observamos de forma primária, a necessidade de explicar a China e o contexto que a cercava nessa nova realidade pandêmica, como no texto “Coronavírus: como o surto está espalhando antigos preconceitos sobre a China e seus hábitos culturais”<sup>9</sup>. Nessa relação, pudemos observar inicialmente como foi necessário se ocupar dessas perspectivas, muitas vezes para contornar os discursos xenofóbicos que também se tornaram uma narrativa possível, de discursos que não eram novos, mas que revelavam raízes de violência e, principalmente, de relações de poder — uma vez que as acusações tomaram força e se destacaram na mídia graças aos discursos do então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em 2020, um “rival” antigo da China, fosse política, econômica ou ideologicamente. No artigo “Who Portrayed It as “The Chinese Virus”? An Analysis of the Multiplatform Partisan Framing in U.S. News Coverage About China in the COVID-19 Pandemic”, Zhang e Trifiro (2022) buscam entender de onde veio o ódio-chinês durante a pandemia através de investigações sobre a cobertura noticiosa norte-americana no período.

Uma parte predominante da cobertura noticiosa na atual infodemia está relacionada com os enquadramentos divergentes e problemáticos da China na propagação do vírus. Por exemplo, surgiram graves alegações sobre a origem do vírus, com até o ex-presidente dos EUA, Donald Trump, alegando que o vírus foi feito pelo homem e inadvertidamente lançado ao público (Mangan & Lovelace, 2020). Após essas acusações, os Estados Unidos experimentaram um aumento de 150% em crimes de ódio contra asiáticos (Farivar, 2021). (ZHANG; TRIFIRO, 2022, p. 1028, tradução nossa).

Entendemos que o jornalismo se colocou como uma instituição que pretendia dar conta de ordenar a realidade e que há uma expectativa de que a área dê conta de saber e de explicar todas as coisas e situações que acontecem ao seu redor, e sempre sob uma falsa sensação de imparcialidade. Contudo, passamos a observar que a mídia narra a realidade de forma muito mais complexa do que um simples certo e errado, verdadeiro e falso. Ainda que exista essa característica ordenadora da sociedade, que pauta e dita o que é importante saber sobre o mundo e, necessário ressaltar, que está passível a erros e

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51318710>. Acesso em: 30 jul. 2023.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51305487>. Acesso em: 8 set. 2023.

---

acertos, é justo percebermos que a pandemia também coloca em xeque o próprio ordenamento do jornalismo e em como ele se orienta para tratar desses assuntos emergenciais.

O jornalismo também experienciou um atravessamento caótico em sua rotina, que desorienta, e dar conta de ordenar o mundo a partir da sua própria desordem muitas vezes pode abrir espaço para diversos discursos possíveis e que acontecem independente de serem pretendidos ou não, de serem corretos ou não — e por isso a maior exigência com a profissão não deve ser a imparcialidade, mas a possibilidade de checagem e a humildade em revelar os erros e acertos. E isso passou a ficar ainda mais claro quando fizemos esse recorte da pandemia de COVID-19, um período na história em que este cenário de crise possibilita analisar o que Nuno Manna (2021, p. 312) resgata como um “embaralhamento radical dos marcos de ordenamento referencial da realidade e de seus sentidos de normalidade, promovendo uma experiência geral de hesitação, confusão, desorientação, de atordoamento”.

Por isso, essa temporalidade foi a nossa ferramenta para análise do próprio jornalismo que, inclusive, por ser um período de crise, escancarou alguns aspectos da sociedade e da própria instituição que podem ser mais facilmente analisados, já que resgata discursos já existentes e os reproduzem de forma coletiva e exacerbada. Assim que a divulgação de um novo vírus vindo de Wuhan, na China, se dissipou através da mídia, tornou-se comum observar declarações que não apenas tentavam solucionar a crise, mas também traziam desconhecimento sobre o que estava acontecendo. Nesse movimento de culpabilizar uma parcela da sociedade pelo caos que estaria por vir, os chineses se tornaram um alvo óbvio para aqueles que queriam encontrar alguma forma de justificar os acontecimentos e ordenar um atordoamento que a população pouco sabia lidar. Também no artigo de Wang e Santos (2022), alguns relatos de chineses-americanos foram coletados para entender como essa cultura passou a ser atacada como forma de justificar a desordem causada pela pandemia.

Um participante compartilhou um exemplo sobre dois homens negros adultos fazendo piadas sobre como pessoas chinesas ‘arruinaram o mundo porque eles comem cachorro e foi assim que a COVID começou’. (WANG; SANTOS, 2022, p. 225, tradução nossa).

Dentro dessa perspectiva, atacar a cultura do ‘outro’ passou a ser uma ferramenta de proteção contra uma realidade que não se sabia — ou pretendia —

---

encarar. Resgatar discursos xenofóbicos que não nasceram com a pandemia, mas que se fortaleceram e foram novamente disseminados graças a ela, permitiu que o imaginário em torno da cultura chinesa fosse mais uma vez testado. Aos olhos da população, naquele momento de atordoamento, a pandemia passaria a existir não porque é uma questão sanitária perpetuada pela própria ação impensada, desenfreada e coletiva da humanidade, mas porque a história de um povo a marcou e condenou ao longo dos anos. E essa era a justificativa mais fácil para tudo o que acontecia. Em seu texto “A cultura é algo comum”, Raymond Williams coloca que “a cultura tem dois aspectos: os significados e direções conhecidos, em que seus integrantes são treinados; e as novas observações e os significados que são apresentados e testados.”, e assim o é com a China.

Esse trecho pode ser interpretado em uma via de mão dupla. De um lado, e este é o que Williams trata no texto, uma cultura de um povo pode ser narrada a partir de sentidos já existentes e que foram responsáveis por reuni-los de tal forma, e ainda incorporam os novos significados que vão sendo construindo nas suas relações individuais e coletivas no mundo. Por outro lado, este trecho, embora não trate disso, também nos faz pensar em como, muitas vezes, as novas observações e significados que vão sendo construídos externamente sobre o povo chinês, e nesse caso a partir de um enquadramento ocidental, acabam por resignificar a China sob um aspecto que pouco tem a ver com os seus sentidos originais, ou ainda a enquadra como uma cultura pior do que as outras em razão dos seus modos de vida identificáveis.

E é a partir destas questões que pretendemos entender como o jornalismo, em meio a essas narrativas desferidas pela população e que foram sócio-histórico-culturalmente construídas ao longo dos tempos — além de buscarmos as intersecções de análise possíveis de mídia brasileira, sob os aspectos editoriais de uma sucursal britânica, voltadas a uma cultura oriental —, foi capaz de lidar ou perpetuar esses discursos em suas matérias. E para isso, pretendemos analisar não apenas os conteúdos que estão presentes nas matérias que coletamos, mas queremos compreender como o contexto da cultura chinesa e o imaginário em torno do povo chinês, a partir de contextos sociais, políticos e históricos, foram capazes de transformar a forma com que a pandemia foi percebida pelo mundo. Ou seja, como a forma de um povo se organizar

---

no tempo tem ligação com a forma como entendemos o nosso entorno e como lidamos com a realidade que nos é dada.

Também vale ressaltar que nos limitamos a analisar as matérias publicadas pelo jornal digital da BBC Brasil, em uma tentativa de compreender de forma dinâmica e interseccionada como um jornal tradicionalmente Britânico, mas sediado no Brasil desde 1938 narra a china durante os dois primeiros meses da pandemia (dezembro de 2019 e janeiro de 2020). Essa escolha se deu, principalmente, pois assim será possível compreender como o jornalismo foi capaz de narrar o atordoamento em meio a camadas e perspectivas ocidentais, brasileiras e europeias, sobre um país oriental e socialista que experiencia sua cultura de forma coletiva e particular a seu povo — como afirmaria Raymond Williams (2015).

### 3. IMAGINÁRIO CHINÊS E ATORDOAMENTO

Neste tópico, partiremos para entender algumas questões mais específicas do trabalho e que se direcionam justamente sobre a China, país que trouxemos neste contexto para entender as narrativas jornalísticas. A partir de toda a discussão apresentada anteriormente, demonstramos como a cultura chinesa se tornou um alvo constante durante a pandemia, como forma de encontrar meios de justificar tudo o que estava acontecendo. E a forma mais fácil encontrada foi a de usar um país que, por já não ter sido a primeira vez que relatava o surgimento de um vírus SARS-CoV em seu território (a primeira vez foi em 2005, em Guangdong, também na China<sup>10</sup>), estaria vulnerável a discursos que colocariam os aspectos da sua cultura como motivo de aversão.

Mas para além do que já observamos anteriormente, nos voltaremos a como que essa relação violenta e xenofóbica se tornou possível de forma tão natural e sem muitos questionamentos, já que ao longo da pandemia foi possível observar discursos absurdos relacionados aos hábitos de alimentação chinês, a sua política e a sua ideologia, que a partir de desinformação começaram a instaurar um medo coletivo em torno desse povo. Um trecho do artigo de Wang e Santos (2022, p. 224, tradução nossa) fala exatamente disso no relato: “Quando meus amigos brancos usavam máscaras para uma festa, eles

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/4/8/coronavirus-comparing-covid-19-sars-and-mers>. Acesso em 15 ago. 2023.

---

eram vistos como legais, enquanto quando eu usava a mesma máscara, alguém me dizia que eu estava assustando os outros”.

Essa construção de sentido em torno do povo chinês, como também discutimos aqui, não é algo novo. Essa narrativa sobre um povo que “come cachorro” e que não tem higiene, e por isso as doenças “surgem todas de lá” é ativada a partir de um imaginário que já existe há muito tempo, e foi fortalecido de diversas formas no tempo — fosse por produtos midiáticos como filmes, por notícias regadas a desinformação, pela divulgação de discursos violentos nas redes, por uma questão política, ou ainda em razão de uma história que naturalmente valoriza a visão ocidental de mundo. É possível perceber que a forma como o povo tem sido retratado ao longo de sua história pela sociedade dominante está diretamente ligado a forma como imaginamos sua cultura, seu povo e seu modo de vida. No artigo “Noções do Imaginário: Perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin”, os autores exploram a abordagem de Durand sobre a construção ou perpetuação de um imaginário frente a situações de imprevisibilidade no futuro, em uma tentativa de trazer ordem ao atordoamento instaurado. E essa discussão vai justamente de encontro com o que já tratamos neste artigo.

Durand desenvolve a ideia de que, frente à angustiante consciência da morte e do devir, o homem adota atitudes imaginativas que buscam negar e superar esse destino inevitável ou transformar e inverter seus significados para algo reconfortante. Essas atitudes imaginativas resultam na percepção, produção e reprodução de símbolos, imagens, mitos e arquétipos pelo ser humano. Esse conjunto de elementos simbólicos formaria o “imaginário”, cuja principal função seria levar o homem a um equilíbrio biopsicosocial diante da percepção da temporalidade e, conseqüentemente, da finitude. (ANAZ; AGUIAR; LEMOS; NORMA; FREIRE; COSTA, 2014, p. 6).

Em vista disso, também voltamos a olhar para o jornalismo como uma instituição que também se tornou responsável por perpetuar discursos e narrar realidades de acordo com os enquadramentos que mais lhe eram interessantes. Os autores Zhang e Trifiro (2022) fazem uma revisão sobre a literatura em torno da teoria do enquadramento e em como ela é uma ferramenta utilizada na mídia noticiosa para trazer conteúdos que estão alinhados com o que a própria instituição e os profissionais acreditam, transformando a realidade a partir de escolhas conscientes que revelam mais uma disputa em torno de um discurso do que uma preocupação em narrar todos os fatos, exatamente como são — como dissemos, o jornalismo não é imparcial pois não dá conta de tratar de todos os

---

pontos de vista, nem com a exatidão com que ocorreram; escolhas são tomadas e elas revelam propósitos.

O enquadramento da mídia refere-se a como eventos e questões são organizadas e interpretadas pela mídia. A seleção de quadros específicos leva à criação de significado por retratar informações importantes para o público, o que pode chamar a atenção - seja propositalmente ou inadvertidamente - para aspectos específicos da realidade e são o reflexo do jogo de poder e das batalhas ideológicas (Reese, 2001; Entman, 1991 apud ZHANG; TRIFIRO, 2022, p. 1029, tradução nossa).

E é isso o que estamos tentando avaliar, a partir de uma minuciosa análise dos materiais que coletamos ao longo da pesquisa, através dos mecanismos avançados do Google, utilizando palavras-chaves e filtragem de tempo. Queremos entender o que de fato foi narrado sobre a China durante os dois primeiros meses de COVID-19 e como isso foi capaz de atravessar a forma como encaramos essa cultura e reforçamos ou ressignificados seu imaginário. Na entrevista “O imaginário é uma realidade”<sup>11</sup>, Maffesoli (2001) cita justamente que “não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado.”, ou seja, o imaginário sobre a China é algo que está dado, mas o resultado dele, aquilo que se faz e interpreta desse imaginário, está intrinsecamente ligado com as imagens (as narrativas, perspectivas e discursos) que são perpetuadas pelas instâncias dominantes de poder na sociedade atual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, voltamos a reforçar que este trabalho é referente a uma Iniciação Científica ainda em curso, que tem previsão para acabar ainda em novembro/2023. Dessa forma, as discussões aqui apresentadas se mostram avançadas, porém ainda não concluídas, uma vez que ainda pretendemos abordar as especificidades do próprio jornal BBC Brasil, as camadas de análise entre as narrativas do jornalismo brasileiro e britânico sobre a china — tendo cada um suas próprias relações e perspectivas sobre o país asiático —, bem como apresentar a própria análise, discussão e reflexão do material coletado. E mais do que isto, este trabalho tem a pretensão de se tornar o primeiro passo

---

<sup>11</sup> Disponível em:

[https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjL\\_Z7-WAAxXIG7kGHUXkDH4QFnoECBMOAQ&url=https%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Ffojs%2Findex.php%2Frevistafamecos%2Farticle%2Fdownload%2F3123%2F2395%2F&usq=AOvVaw09H5YRsgPO4VdrEXWfNjJR&opi=89978449](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjL_Z7-WAAxXIG7kGHUXkDH4QFnoECBMOAQ&url=https%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Ffojs%2Findex.php%2Frevistafamecos%2Farticle%2Fdownload%2F3123%2F2395%2F&usq=AOvVaw09H5YRsgPO4VdrEXWfNjJR&opi=89978449). Acesso em 16 ago. 2023.

---

de um Trabalho de Conclusão de Curso que pretende expandir as discussões aqui apresentadas.

Nesta pesquisa, houve um esforço de olhar para o Jornalismo como uma forma de entender as suas relações com a sociedade e as formas de narrá-la. Mas mais do que isto, esse movimento também partiu de um interesse em olhar para a área sem tomá-la como uma instituição detentora de uma verdade absoluta. Pelo contrário, este trabalho discute Jornalismo de forma crítica e consciente de que apesar de uma tendência em buscar ordenar, explicar e colocar todas as questões dentro de um lead (recurso jornalístico que prioriza responder perguntas sobre o que, quem, como, onde, porque, quando os fatos acontecem), a área ainda precisa compreender que, em grande medida, não dá e nunca dará conta de responder todas as questões existentes e possíveis.

Ademais, nos preocupamos em entender, para além da produção jornalística, de que forma a sociedade também é atravessada por essas narrativas noticiosas. Em grande parte do tempo, o Jornalismo parece ser uma ferramenta que consumimos de forma naturalizada e autônoma, principalmente a Era Digital, momento histórico em que a área não detém mais o poder sobre os meios informacionais. Hoje, graças a possibilidade de adquirir, criar e interagir com a informação a todo instante e de forma rápida e descomplicada, torna-se ainda mais difícil perceber os efeitos que a mídia ainda tem sob nossas perspectivas e imaginários do mundo. E quando essas narrativas acabam por perpetuar e reforçar visões deturpadas ou ainda criar novas violências em torno de uma cultura, é necessário parar para olhar e questionar de onde vem isso, o que isso implica e no que isso resulta. E isso é o que buscamos fazer nesta pesquisa e, principalmente, fora dela.

## REFERÊNCIAS

ANAZ, S. A. L. et al. **Noções do imaginário**: perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin. Revista Nexi. ISSN 2237-8383, n. 3, 2 dez. 2014.

LEAL, B. **Introdução às narrativas jornalísticas**. Porto Alegre: Editora Meridional, 2022.

MANNA, N. Narrar o atordoamento. In LEAL, B (Org.) **Imagens e imaginários da pandemia**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2021.p. 311-319.

---

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa (tomo 1)**. Campinas, SP: Papyrus, 1994. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/ricoeur-p-tempo-e-narrativa-tomo-i.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2023.

WANG, S; SANTOS, M. “Go Back to China With Your (Expletive) Virus”: A Revelatory Case Study of Anti-Asian Racism During COVID-19. **Asian American Journal of Psychology**. Santa Clara, v. 13, No. 3, p. 220-233, fev. 2022.

WILLIAMS, R. Cultura é algo comum. In **Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2015. P. 3-28.

ZHANG, Y.; TRIFIRO, B. Who Portrayed It as “The Chinese Virus”? An Analysis of the Multiplatform Partisan Framing in U.S. News Coverage About China in the COVID-19 Pandemic. **International Journal of Communication**, v. 16, n. 0, p. 24, 27 jan. 2022.